

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 136 — Domingo, 15 de Janeiro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA  
"CARA ALEGRE"

A melhor revista  
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias — Preço 4800

AVENÇA

## NOVO ELO DE LIGAÇÃO COM O BRASIL

A MEDIDA que o tempo decorre nas relações luso-brasileiras, mais se evidencia a amizade que liga os dois países e a necessidade de uma melhor compreensão entre os dois povos.

O mundo lusiada que criámos no Brasil, o sangue que ali vertemos, a comunhão de línguas e de princípios que ali estabelecemos, ultrapassam as efémeras amizades que o tempo destrói. Por isso, a comunidade de interesses das duas nações se mantém como realidade imperecível e como elemento de vivência dos dois países irmãos.

A fim de dar satisfação às exigências dos dois povos, que cada vez sentem mais a necessidade de se conhecerem e se unirem, estabeleceu a Agência A. N. I. um serviço noticioso, de Portugal para o Brasil. Com esta iniciativa, os dois países que o Atlântico liga, ficarão mais próximos, levando cada um diariamente ao outro a notícia da sua vida e dos seus interesses.

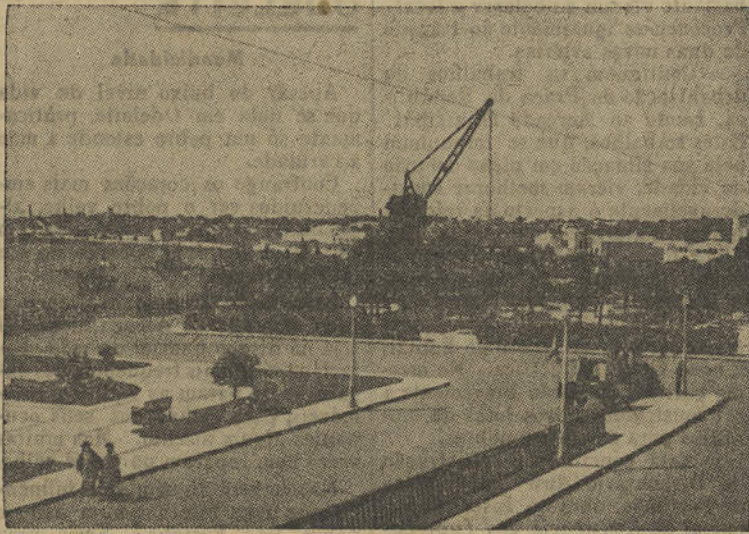
Com o facto se congratulou o Ministro dos Negócios Estrangeiros, professor Paulo Cunha, ao afirmar, em Paris, no regresso da sua visita oficial aos Estados Unidos e Canadá, entrevistado pela A. N. I.:

«Para ser viva uma política de comunidade, é indispensável que nos conheçamos e nos aproximemos cada vez mais: o ser-

viço noticioso constituirá importante factor para esse maior conhecimento e aproximação».

Recordou o prof. dr. Paulo Cunha que há um ano, quando esteve no Brasil, «nessa viagem inolvidável que foi dos momentos gran-

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)



PORTIMÃO — Trecho da avenida marginal

## AS ACTIVIDADES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

TEMOS presente o relatório da gerência de 1954, da Câmara Municipal de Portimão. Como os anteriores relatórios, é um documento criteriosamente elaborado e

## CARTA DE LONGE EM BUSCA DO PARAÍSO

Por J. DE CARVALHO E RÊGO

UM jornal dinamarquês insere a curiosa notícia de se estar organizando uma missão científica, composta de sábios de vários países, com o fim de localizar o Paraíso, ou seja o lugar destinado à primeira família que habitou o orbe terráqueo. Segundo nos parece, difi-

cilmente se chegará a uma conclusão, pois, como é natural, cada um dos membros da missão há-de querer puxar a brasa à sua sardinha, e, no fim de contas, não será para admirar que, em vez de um paraíso, nos apareçam pelo menos doze.

Ora vendo bem, observando com atenção e prescutando a vida de Macau, tudo nos leva a crer que foi este o lugar em que a serpente usou do subterfúgio da maçã, para dar causa ao pecado original, já com tantas cópias que se lhe não conhecem a conta.

Como de início, tudo

### OS ANTIGOS ALUNOS de D. Maria dos Anjos Neves

### HOMENAGEIAM HOJE A SUA PROFESSORA

HOJE que terá lugar, pelas 15 horas, a sessão solene de homenagem que os antigos discípulos da sr.ª D. Maria dos Anjos Neves promoveram em



honra da sua competente e dedicada professora, a propósito da recente passagem à inactividade,

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

### À JANELA DA SAUDADE

Por A. Vicente Campinas  
CANTARES DE NATAL

QUE pena tive, este ano! Que pena tive de não poder escutar, como nos demais anos, os cantares de Natal, da nossa gente fronteiriça! O «Esta noite nasce o filho», que tanto me entusiasmou quando menino e moço, e ainda agora me impressiona bastante, quando o escuto, cantado por meia dezena de gargantas infantis, ávidas de boa «colheita», não se impôs aos meus ouvidos!

De boavontade tinha-me deslocado aqui, para escutar tão típica lóa fronteiriça! Mescladas de castelhano, tais canções de pedir em nada se assemelham a tantíssimas outras que, nessa quadra festiva, se cantam por todo o País!

Sei que é um tanto tarde para falar nisto; mas sei, também, que até ao dia de Reis, e especialmente porque este dia é festejado em Espanha como o dia de Natal em Portugal, a tradição nesta terra raiana estende as lóas até tal dia.

Grupos de mocinhos, aos três e aos quatro, sem instrumentos musicais, apenas com almofariz e garrafa com um garfo cochalhado dependurado no gargalo, encham as noites frias com a esperança cantada nas suas esganicadas yózinhas! Depois, o frio vence a esperança e a necessidade — e a noite retoma o silêncio retalhado, abrigando... na sua protetora escuridão...

Cantares de Natal, nesta fronteira portuguesa, que saudades (CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

## Contos Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### A velha história

«Todos conhecemos a história. O leão está velho. Moribundo. As derradeiras forças abandonam-no. Foi poderoso, forte, senhor. Mandou. Mas o que se chama mandar... Agora, flanco em terra, baixa a fronte senil. Vendo-o indefeso, sabem os vassallos mais ruins que a hora da vingança soou. Vê-lo o lobo e deu-lhe uma dentada; vê-lo o boi e deu-lhe uma patada... Até o burro, com a marca de seridão no pelo, que lhe deixou a albarda, molha o pão... A história contou-a Fedro. Depois, La Fontaine deu-lhe a popularidade. Mais recentemente, outros poetas trataram dela. João de Deus, lembro-me, E', pois, um velho conto cheio de verdade. Portanto, sempre novo.

### Continuação

Da fábula, ressalta o desencanto do poder. Diz-nos que a tirania cria vassalagens, não cria amizade. Está certo. Mal vai ao «senhor absoluto» se pensa que o silêncio feito à sua volta significa aceitação, conformismo. Tal o leão da fábula, se as forças minguam, acabará por saber que o mor poder é frágil, se uma base de amor o não sustenta.

### Talvez

Eu não sei porque me lembrei hoje, precisamente hoje, da fábula. Aconteceu. Talvez porque se me representasse mais nitida a figura do T., que o limite da idade levou a abandonar o serviço... Talvez porque me recordasse daquela professora: austera, fria, palmatória... Falava, gritava, ralhava, batia. As bocas, fechadas. Mas, por debaixo das carteiras, as mãos armavam figas...

### Mas não concordo com o poeta

«Simplesmente, o poeta criador da fábula mostra-se muito» (CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



## apresenta UMA CRÓNICA por semana

MINHA crónica de hoje vai focar um assunto demasiado sério e importante. Tomo inteira responsabilidade do que escrevo, aliás, como sempre. De há muito que se impunha tratar, nas colunas de um jornal, deste assunto, embora com maior mestria e mais larga projecção, o qual, que eu saiba, ninguém ousou encarar de frente, muito embora seja de uma actualidade premente e esteja bem patente aos olhos de todos nós. Não serei, certamente, a pessoa mais indicada para o fazer e não o farei, indubitavelmente, como o deveria, mas fá-lo-ei como puder.

O que me proponho tratar, em simples apontamento, é do caso da assistência médica em Portugal, a qual não passa de um mito.

Algumas juntas de freguesia, as caixas sindicais, de uma maneira geral, os hospitais, têm sempre consultas para pobres. E estes, coitados, lá vão, quantas vezes a pé, sem olharem a distância, e a horas impróprias, porque não têm cem, duzentos ou mais escudos para pagar uma consulta, ou melhor: uma sucessão de consultas, mais ou menos a este preço.

Evidentemente que as juntas de freguesia ou regionais, as caixas sindicais, as associações de socorros mútuos, os hospitais, as cruzes de qualquer causa, etc., etc., estão sempre empreendendo uma obra bem intencionada e a todos os títulos merecedora de amparo e protecção, mas que, por mais que a queiram evidenciar, fica sempre muito aquém de atingir os seus fins, por falta de

verba ou por quaisquer outras circunstâncias que só a revelação da orgânica poderá mostrar, ou ainda por uma mais as outras.

Explicamo-nos: As consultas, que servem sempre para diagnosticar uma doença e, consequentemente, para seguir o seu tratamento, são feitas por escassos médicos, em escasso tempo, para muitos doentes. Portanto, acon-

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

através do qual se aprecia, até nos mais insignificantes pormenores, o que foi a actividade daquele importante Município. Segundo as contas apresentadas, as receitas cobradas no citado ano ascenderam a 4.974.259\$90, mais 929.010\$56 do que no ano anterior, devendo-se parte deste aumento ao maior volume de cobrança do imposto do pescado, que no referido ano foi de 1.286.890\$20.

Para a gerência de 1955 passou o saldo de 280.618\$.

No que respeita ao Turismo, verificou-se uma receita apreciável de 228.427\$80. Parte desta verba foi útilmente gasta em beneficiar o miradouro de Sta. Catarina, projectando agora a Câmara a construção de uma descida para a Praia da Rocha. Enfim, a Comissão de Turismo de Portimão trabalha, e isto nos apraz

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

### O vil metal que faz a vida nobre...

## OS CAUTELEIROS

Por MARCOS ALGARVE

«EÇA, para mim, continua a ser um nome de vulto, um nome verdadeiramente glorioso.

A sua prosa dúctil, harmoniosa, florida e simétrica, deixa-nos ficar nos sentidos um sabor delicioso que se prolonga e aviva por tempo ilimitado.

A sua ironia cantante chega a exprimir um sentido musical, que nos embala o ouvido e provoca um rejuvenescimento agradável.

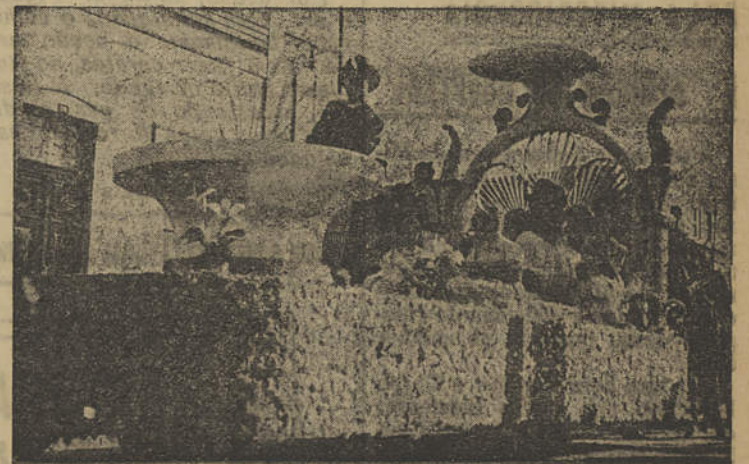
O poeta Acácio de Paiva, também um helénico cul-

tor da forma, exclamou um dia perante um livro do Eça a um grupo de amigos: «Eça, meus amigos, é o Eça...»

E, no entanto, o poeta bem sabia que o farmacêutico que Eça de Queiroz incluiu em «O Crime do Padre Amaro» era seu pai, depois de rigorosa investigação feita por um crítico de Leiria.

No tempo do Eça, o dinheiro corrente em Portugal era de ouro, prata e cobre, do que resultou esta

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



Loulé comemora este ano as Bodas de Ouro dos seus encadadores e tradicionais Festejos Carnavalescos. Este carro alegórico, que brilhou no «corso» louletano do ano passado, dá-nos uma pávida ideia do que prometem ser este ano as Batalhas de Flores do seu cinquentenário

### UMA INICIATIVA DA CASA DO ALGARVE

## ESTUDOS algarvios

A COMISSÃO Cultural da Casa do Algarve em Lisboa inicia no corrente mês a publicação da sua anunciada colecção de «Estudos Algarvios», pela apresentação de um documentado esboço monográfico, subordinado ao título «Sagres e o Infante» e especialmente solicitado, para o efeito, ao presidente da Direcção da colectividade, sr. major Mateus Moreno.

Temos o prazer de oferecer hoje aos nossos leitores a «Nota Preambular» desse oportuníssimo trabalho:

### NOTA PREAMBULAR

Dentre os votos finais do II Congresso Regional Algarvio, cujas sessões decorreram em Lisboa, de 26 a 28 de Janeiro de 1951, figurou o de se promover junto das camadas intelectuais do País activa propaganda no sentido de se dotar, finalmente, a esquecida página de Sagres da viva iluminação de há muito imposta pela

própria projecção mundial das suas tradições.

Tomou sobre si a Comissão Cultural da Casa do Algarve a incumbência de materializar tal voto numa série de conferências e palestras subordinadas ao tema «Consagração Nacional do Infante D. Henrique» e fundamentadas nos seguintes propósitos:

1.º — De salientar a especial (CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com curta demora esteve em Lisboa o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel da Silva Domingues, conceituado industrial desta praça.

A passar a quadra festiva, esteve nesta vila, de visita a seus pais, tendo já retirado para Londres, a continuar os seus estudos o sr. João Manuel Abecassis Corrêa, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Cumbreira Corrêa.

No «Rita Maria», partiu para Angola o nosso conterrâneo sr. subtenente Silvestre Gomes Peres que ali vai permanecer quatro anos no Departamento Marítimo de Luanda.

Regressou de Aveiro a sr.ª D. Maria das Dores Domingues, esposa do nosso prezado assinante sr. Artur Benito Domingues.

Casamento

Na Basílica da Cova da Iria, em Fátima, realizou-se, em 8 de Dezembro, findo, a cerimónia nupcial da nossa conterrânea e prezada assinante, sr.ª D. Alcide Viegas Coelho, filha da sr.ª D. Mariana Viegas Coelho e do sr. Jerónimo Coelho, residentes nesta vila, com o sr. José Teixeira dos Santos, funcionário da Companhia Anglo-Portuguesa de Madeiras, filho do sr. António dos Santos (já falecido) e de D. Belíssima dos Santos.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, o sr. José Maurício Horta, funcionário do B. N. U. em Lisboa, e sua esposa sr.ª D. Maria de Jesus Horta, e por parte do noivo, o sr. António Fernandez Fontanilla e sua esposa, sr.ª D. Irene Fontanilla.

Celebrou a cerimónia nupcial, com Missa pelos nubentes, o primo da noiva, sr. padre dr. Sezinando Oliveira Rosa, que proferiu uma vibrante alocução. Depois dum fino copo-de-água servido em Leiria, os recém-casados seguiram para o Norte do País, em viagem de núpcias, fixando a sua residência na capital.

Ao novo casal, auguramos muitas felicidades.

Doente

Tem estado incomodado de saúde o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. A. V. Magno Querretiro, conceituado Director Técnico de Farmácia nesta vila.

Auguramos breve restabelecimento.

PELA MISERICÓRDIA

A «SEMANA DO HOSPITAL»

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia, conquanto já o tenha feito directamente, não quer deixar, porém, de publicamente vir testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que tão generosa e dedicadamente trabalharam para que a «Semana do Hospital» fosse coroada do melhor êxito.

Em boa hora confiou o Corpo Directivo nos novos elementos que este ano se dispuseram a colaborar activamente nesta iniciativa, pois que, sem dúvida, foi devido ao seu grande esforço e actividade que foi possível alcançar os brilhantes resultados que o povo da nossa vila pôde verificar.

A toda a população do concelho, que tão generosamente respondeu ao apelo que lhe foi feito, e dum modo muito especial às dedicadas Comissões de Vila Real de Santo António e Vila Nova de Cacela, que com tanto espírito de sacrifício percorreram todo o concelho, manifestamos o nosso grande reconhecimento e gratidão.

Visado pela Comissão de Censura

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

admirado, abre a boca de espanto, no fim da história: vejam bem, vejam bem, até o burro! Mas, meu caro, meu sorridente, meu sabido La Fontaine, onde está a admiração? Acaso tu que observaste tanto, não viste que onde há albarda há futuro coice? Não o honesto, franco, justificado coice, mas outro, aquele que atinge as mãos que mitigaram sedes e semearam rosas?

Tu, meu caro La Fontaine, companheiro de tantas horas, não te importas que a disciplina venha ensinar o mestre. Venha ensinar-lhe que onde há servidão não há dignidade.

Uma esmola original

Só a mim! A mim, que não busco originalidades, é que elas acontecem. Querem ver? todos sabem, não dou nenhuma novidade, que há pobres. Muitos. É proibido, pedir mas, quando a fome aperta, não há outro remédio. Aliás, pensam eles, se eu for apanhado o que é que me pode acontecer? Certo, concordo. Não só a fome. Porque tem frio, porque tem sede (do vinho), porque querem ir ao cinema, e só lhes faltam cinco-céntos (na realidade, falta-lhes muito mais, mas os rapazinhas da rua até psicologia sabem!), porque prometeram uma missa com o dinheiro de esmolas, porque precisam pagar a renda do quarto a senhorios inflexíveis, eu sei! Ora bem. Quando abri a porta, deparei com um homem de labita rota, barba crescida, ponteadas a branco. Olhos inquietos. Level a mão ao bolsinho do apental onde tintilavam restos de trocos. Mas o pobre suspendeu-me o gesto, alongando o braço um palmo além da manga curta.

—Perdõe, minha senhora, isto que venho pedir-lhe...

Olhei os sapatos escalavrados, a camisa que já conhecia melhores tempos, as calças onde cabiam dois iguais a ele. Avalei tudo o que ele poderia pedir-me. Até, reparando no cabelo desalinhado, disse para comigo: é um pente...

—Ali em baixo—continuou—numa taberna, deram-me uma sopa e uma sardinha. Uns operários, que estavam lá. Nem cheguei a pedir, mandaram-me sentar e pronto. Pois a senhora não imagina: sempre me deu uma dor...

Parece-me que corei. Estupidez. Esta sensibilidade lorpala, mal comandada... Ele reparou na minha perturbação e acrescentou:

—Vinha pedir-lhe se me dava um bocadinho de bicarbonato... Olhava aflito e esfregava o estômago com a mão espalmada.

Por acaso, eu tinha. Fiquei a ver, com satisfação, o velho beber lentamente a poção turva. Sem fazer caretas, no fim disse: muito obrigado. E lá se foi, arrastando os pés, ainda com umas gotas do remédio espetadas no bigode.

Maria Manuela Nunes

Assinala e propaga «Noticias do Algarve»



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª

Vila Nova de Gaia

HOMENAGEM à prof. D. Maria dos Anjos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

depois de ter exercido nesta vila, durante 43 anos, a honrosa carreira educativa, com grande dedicação e geral agrado.

Ao contrário do que anteriormente anunciámos, e por motivos independentes da vontade da Comissão Organizadora, este acto de consagração e reconhecimento efectua-se no salão de festas da Associação Democrática, na Rua dr. Miguel Bombarda.

A referida Comissão tem o prazer de convidar, por este meio, todos os colegas da distinta professora e seus antigos alunos, de ambos os sexos, que desejem comparecer na projectada sessão, e, ainda, quaisquer pessoas que à mesma façam gosto de assistir, independentemente dos convites especiais que foram dirigidos às Ex.ªs Autoridades, entidades ligadas à educação e ensino e outras personalidades em evidência, para honrarem o acto festivo com a sua presença.

Resta-nos agradecer a cooperação que gentilmente nos dispensaram os jornais «Noticias do Algarve», «Século», «Diário do Algarve», «Diário Popular» e, bem assim, todas as pessoas e entidades que, compreensivamente, de algum modo contribuíram para que este movimento de gratidão a uma professora, — que envolve também uma manifestação de apreço e carinho para todo o digno Professorado Primário, — se revista do merecido brilho e elevação.

Para a prenda de uso pessoal que a Comissão adquiriu para lhe ser entregue hoje, durante a cerimónia solene, ainda nos chegaram mais algumas ofertas (fora do prazo estipulado). Damos, a seguir, a sua discriminação:

Table listing names and amounts: Transporte 1.575\$00, Francisco Justo Alexandre 20\$00, Um Admirador do Professorado Primário (Lisboa) 50\$00, Alfredo da Cruz Rodrigues (Moçambique) 50\$00, A. S. 50\$00, D. Isabel Ramirez Carmo 50\$00, Manuel da Silva Domingues 25\$00, José Manuel Socorro Domingues 25\$00, Renato Rodrigues Drago (C. Marim) 30\$00, Vidal Rodrigues Drago (C. Marim) 30\$00, D. Isabel Tenório Diogo Cláudio Matias de Oliveira (Lisboa) 30\$00, Cláudio Matias de Oliveira Júnior (Lisboa) 20\$00, José do Carmo Padesca J. F. 100\$00, José Mendes Telo (Faro) 15\$00, António dos Anjos Rui-vinho 50\$00, D. Maria Folque Socorro 20\$00, Ilídio da Cruz Rodrigues (Ponta Delgada) 25\$00, Eng. António Manuel Gomes Barroso 50\$00, João José Socorro Folque 10\$00, Total 2.270\$00

Falecimentos

Henrique de Bivar Cúmano Em 30 de Dezembro último, faleceu em Lisboa, com 48 anos de idade, o sr. dr. Henrique de Bivar Cúmano, naturalista do Museu de Bocage, na capital e cientista equinológico muito reputado.

O falecido, que era natural de Faro, deixa viúva a sr.ª D. Lucília Simões de Bivar Cúmano e era irmão dos srs. dr. Constantino de Bivar Cúmano, residente em Sevilha, e eng. Ruy de Bivar Cúmano, director do porto de Leixões.

D. António de Sousa Coutinho (Linhares)

Faleceu no passado dia 3, em Faro na sua residência, Palacete da Rua Letes, o sr. D. António de Sousa Coutinho, de 74 anos de idade, natural de Lisboa, capitão de cavalaria reformado e sócio gerente da importante Casa Fialho desta cidade, filho dos srs. Condes de Linhares (já falecidos) e casado com a sr.ª D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho, pai da sr.ª D. Maria Antónia de Sousa Coutinho Telles da Sylva (Tarouca) casada com o sr. eng. agrónomo D. José Telles da Sylva (Tarouca); D. Maria Constança de Sousa Coutinho Pulido Garcia, casada com o sr. dr. José Gomes Pulido Garcia; D. Nuno de Sousa Coutinho e D. João de Sousa Coutinho, casado com a sr.ª D. Sofia Carvalhosa de Sousa Coutinho e irmão do actual conde de Linhares, D. Carlos de Sousa Coutinho, da sr.ª Condessa de Mendia, D. Amália de Sousa Coutinho de

PROVINCIA PORTIMÃO

PORTIMÃO

Nota

Júlio Bernardo é um artista portimonense que já tem dado sobejas provas do seu valor. Tanto na pintura como no desenho ou na fotografia, em que se revelou recentemente, ao obter a melhor classificação num importante certame da modalidade, Portimão tem nele um dos seus melhores representantes.

Porém, só muito raramente o público, que já o admira e crê nas suas qualidades de artista, tem oportunidade de entrar em contacto com a sua obra, revelada apenas a um escasso número de amigos. Assim, a maior parte dos seus trabalhos, continua ainda desconhecida, com manifesto prejuizo do nosso meio cultural.

Porque não expõe, Júlio Bernardo?...

Roteiro de trabalhos

— Na Praia da Rocha foi construído, na passada temporada, na zona Norte da Avenida Marginal, um belo lote de novas moradias, que bastante vieram embelezar o local. Procedeu-se igualmente ao traçado de duas novas artérias.

— Continuam os trabalhos de urbanização da Praça da República, frente ao Mercado Municipal. Estes trabalhos, que se impunham pela sua situação em pleno coração da cidade, vieram melhorar consideravelmente o aspecto da referida praça. Para que a obra fique completa, torna-se necessário o levantamento do prédio que ruíu há tempos, defronte da Igreja Matriz.

— A Câmara Municipal está construindo, junto ao Bairro do Pontal, a nova Central Eléctrica. No mesmo bairro começarão brevemente a ser construídos novos lotes de moradias para as classes pobres.

— Está concluída a construção do Dispensário Anti-Tuberculoso de Portimão, obra do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos. Aguarda-se que este estabelecimento de assistência médica entre oportunamente a prestar seus serviços à população portimonense.

— Encontra-se em fase elevada de adiantamento a construção de mais um bairro residencial. É o quarto bairro que se vem fixar na zona que separa a cidade da Praia da Rocha.

— Entretanto, por toda a cidade, dezenas de outras construções de carácter mais particular seguem seu curso, dando a Portimão um progressivo aspecto, apesar da crise que tem atacado as indústrias de pesca e de conservas, nossas principais fontes de receita.

João Bras

Por motivo da sua vida profissional, foi recentemente fixar residência em Lisboa o nosso prezado amigo, poeta João Bras, que deixa em Portimão, e mais especialmente no nosso escasso meio cultural, uma vaga em aberto, que dificilmente será preenchida.

A cidade de Portimão, sentindo profundamente a perda que representa a sua partida, endereça-lhe, por nosso intermédio, votos de felicidade. — C.

TAVIRA

O Azeite

Chamamos a atenção da entidade responsável para a péssima qualidade do azeite que está sendo vendido em Tavira. O que nos fornecem com o rótulo de Extra, a 14\$10 cada litro, é de péssimo gosto e com muita acidez, não correspondendo às características legais. Não basta ser caro, senão a qualidade ser adulterada.

O Frio

Nestes últimos dias, temos recebido a visita de um frio glacial, a que não estamos habituados, pois o nosso clima é temperado. Até mesmo as amendoeiras, que desejam paten-tear a sua florescência nesta quadra, com o frio que tem estado, não têm desejos de desabrochar as suas flores.

Numeração de portas

Uma das coisas que em Tavira se tem descurado é a numeração das portas com os números de polícia. A numeração está visivelmente apagada, e muitas portas não têm números, dando-se constantemente enganos na distribuição da correspondência, quando há novos moradores nas casas. Bom seria que a Câ-

Barros Queiros e da sr.ª D. Maria de Sousa Coutinho.

A morte do ilustre e saudoso extinto causou profunda emoção em todo o Algarve.

O funeral que se realizou no dia 4, depois de várias missas de corpo presente, saiu, com enorme acompanhamento de pessoas de todas as camadas sociais.

As famílias enlutadas o «Noticias do Algarve» apresenta a expressão sincera do seu profundo pesar.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Janeiro:

Entrados:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Leixões, vazio. COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Leixões, vazio. MONTEADOR, Português, de 513 ton., de Barry Dock, com carvão.

Saiados:

TERCEIRENSE, Português, para Ponta Delgada, com figos e sal. ALABE, Panamenho, para Dublin, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 14 a 20 de Janeiro, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. José da Cruz Azevedo e Alvaro Neves.

Também por indicação do sr. António da Costa Salas e Isaurindo Branquinho Parra, inscrevemos como assinantes, respectivamente, os srs. João H. Alexandre e José Branquinho.

Igualmente, por indicação do nosso prezado assinante em Odeleite, sr. António Alexandrino M. Cavaco, inscrevemos como assinantes os srs. Custódio Nadir Gonçalves, José Filipe Rodrigues, José dos Santos Quintino, Manuel Joaquim da Fonseca Dias e Tragénio Conceição Horta.

A todos, os nossos agradecimentos.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

em Lisboa. E' com prazer que registamos a sua presença, por ser um grande amigo da sua terra natal.

Também cumprimentámos o sr. José Afonso, cabo da G. N. R., reformado, que, com sua família, veio passar o resto da quadra festiva a esta localidade, e deve regressar brevemente a Tavira, onde reside.

Aniversários

Em 10 do corrente, completou 76 anos o nosso amigo sr. Hilário Rodrigues, abastado proprietário em Alcaria (Odeleite).

Rebusco de frutos...

Existe nesta região este primário hábito, e especialmente na época da azeitona.

Julgamos que não haja código, lei ou decreto que autorize tal prática, mas o hábito continua.

Alguns escassos frutos que o proprietário deixa na árvore, para a não destroçar são derribados depois, com canas, paus e até à pedrada, para acto continuo receberem uns tostõesinhos.

A crença popular e antiga de a oliveira precisar ser fustigada para lançar, tende para o acaso, por estar demonstrado que só a poda racional dá os resultados desejados. Mas o pior não é o rebusco propriamente dito; é a esse título serem colhidos os frutos de árvores onde o dono ainda não tocou...

Uma severa lição talvez servisse para evitar esta péssima prática.—E.

BARCO DE ENVIADA

Compro, de preferência 13/14 metros de comprimento

MOTOR A GASOIL

Enviar proposta e características a

JOÃO BERNARDINO PIRES

VILA NOVA DE CACELA

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VENDA DE UM MOTOR MARÍTIMO

Marca H. M. G. Completo com Veio, Manga e Hélice. Equipado com Embraigagem Hidráulica Alemã «Reitjes»

POTÊNCIA: 160 H. P.

Pode ser visto em Vila Real de Santo António

Vende: HILDERICO DO NASCIMENTO PIRES - Telefone 14

VILA NOVA DE CACELA

ou: MANUEL GIL F. LAPA - Telefone 21 - TAVIRA

# Os Cauteleiros

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

sua tirada lógica e expressiva: o vil metal que faz a vida nobre...

O dinheiro, para muita gente, é a mola real da vida. O próprio João de Deus, homem e poeta desprendido de vaidades e ambições, encarou-o desta maneira alegre:

O dinheiro é tão bonito,  
Tão bonito o maganão,  
Tem tanta graça o maldito,  
Tem tanto chiste o ladrão...

Todavia, o dinheiro tem feito a felicidade e a infelicidade de imensa gente. O excesso de dinheiro alucina homens e mulheres, velhos e crianças, cultos e incultos, inteligentes e estúpidos, quando não produz guerras entre povos amigos e ódios pessoais entre famílias vizinhas.

A lotaria do Natal, por exemplo, desperta a cobiça de seres humildes de vida rotineira, que se julgam relativamente felizes; aguçam apetites vorazes de janotas envidiadas; excita as mundanas na febre de comprarem agasalhos para o inverno; e os mendigos, estimulados pela cobiça e pela miséria, descem à prática de crimes repugnantes.

O dinheiro, como tudo o que é demasiado, leva o homem a acções abomináveis, a situações vexatórias e a delapidações que os tribunais condenam.

O dinheiro, em quantidade exagerada, é, ordinariamente, um mau conselheiro, um perigoso amigo, um terrível incentivo que estraga a saúde, o equilíbrio mental e até as amizades que nos cercam.

Podia relatar vários casos que conheço, mas vou limitar-me a um, passado na primeira grande guerra, quando prestes a findar essa feroz chacina.

No Algarve entraram a faltar alimentos, especialmente o trigo para se fabricar pão.

A Câmara Municipal de Lagoa resolveu mandar um comissário de compras ao Alentejo. Procurou escolher um rapaz que ali morava, pessoa séria e alentejano da gema. Levou alguns contos de réis para comprar trigo. A missão devia levar uma semana. Passaram, porém, duas semanas e o emissário não voltou nem deu notícias.

O presidente da municipalidade, alarmado, escreveu às autoridades do concelho do Alentejo aonde o rapaz se dirigira.

Tomaram o caso a sério e iniciaram cautelosas investigações. Levou tempo. As investigações chegaram ao seu termo com este resultado monstruoso: o rapaz foi direito a casa de uma irmã casada, conversou com ela e o marido sobre o serviço que ia realizar e o dinheiro que levava.

Instaram para que ali dormisse a noite, e ele, tranquilamente, aceitou o convite...

Alta noite, o cunhado e a irmã assassinaram-no e roubaram-no. O seu corpo foi em seguida atirado ao pego de uma ribeira, vindo dias depois à superfície. O macabro achado, feito por um pastor, foi logo comunicado às autoridades.

O dinheiro desvairou aquela miserável família, impelindo-a para dois crimes hediondos, que mereceram um severo castigo.

Hoje, sexta-feira de Dezembro, rondam esta rua

Direita, por sinal é torta, diferentes cauteleiros, todos a quererem vender a sorte grande, a sorte que nunca chega e que agrava a vida de gente pobre. Contudo, essa gente teima na sua miragem, na sua mania semanal de conquistar a felicidade por meio do jogo. E' um vício deplorável, que serve de bem a alguns e de mal a muitos.

Eu nunca joguei na lotaria nem no pano verde — por um íntimo problema de consciência: ir roubar o que é dos outros!

O jogo, segundo o meu critério, é um roubo, e o roubo não devia ser legalizado. E tanto assim é, que em determinadas zonas do Mundo é considerado legal e em outras ilegal.

O desejo que impele o jogador é o mesmo em toda a parte: ganhar muito, sem sombra de escrúpulo, sem reparar no mal que faz ao seu semelhante

Existiu em Faro um titular rico, que jogava todo o ano na lotaria. Morreu pobre. O vício do jogo dominava-o despoticamente, apesar de ele ser uma criatura bondosa, incapaz de ofender ou maltratar outra pessoa. Era o que todos costumam a dizer — um excelente cristão.

O vício de jogar, no entanto, alterava-lhe as feições, o espírito e a bondade.

Outras consequências funestas também o jogo provoca a quem por ele se deixa dominar.

E' o caso do cambista António Inácio da Fonseca, por longos anos estabelecido em Lisboa, na rua do Arsenal. Era imensamente popular e estimado. Os políticos de então, no último quarto do século passado, dispensavam-lhe honras e comendas. Fazia empréstimos a particulares, a ministros e ao Estado. Tornou-se um potentado das finanças e do xadrez político desse tempo. O jogo o fez rico, e o jogo foi a sua desgraça.

A ambição do jogador não tem limites; a sua moral é um ponto de interrogação. Mente, falsifica. Recorre a todas as vilanias quando se julga perdido. E' o caso do infeliz António Inácio da Fonseca. A roda da fortuna desandou, e ele, cego pelo desespero, começou a emitir jogo falso. Desceu a isso duas ou três vezes, sendo depois descoberta a sua burla.

Desapareceu de Lisboa. Ninguém sabia o seu destino. Meses depois, numa rua do Rio de Janeiro tomou um mendigo que por ali estendia a mão à caridade pública. A policia revistou o mísero que assim morreu. Foi-lhe encontrado um documento que o identificou: era o cambista António Inácio da Fonseca, que desta maneira vergonhosa terminou os seus dias.

Podia citar outros exemplos de homens que o jogo arremessou para a vala comum da desonra ou da morte.

Fiquemos por aqui, por este vale de lágrimas em que a Humanidade chafurda com ares triunfais!

Os cauteleiros causam-me arrepios, ferem-me os ouvidos e os nervos com os seus pregões lancinantes, aterradores, nos quais aflora uma angústia recalcada e um desespero que eles não podem nem sabem reprimir.

São os ossos do ofício, como murmurava João de



## DESPORTO

### ARROIOS, 2 - OLHANENSE, 3

A nota saliente deste encontro foi a excelente actuação de Poeira e Reina

No desejo de darmos a conhecer aos nossos estimados assinantes e leitores, através de alguns comentários técnicos, o desenrolar do encontro de futebol disputado entre o Grupo Desportivo de Arroios e o Sporting Clube Olhanense, deslocámo-nos no passado domingo à formosa e sempre encantadora cidade de Lisboa.

Dada a importância deste encontro no que respeita às aspirações do clube algarvio — aliás legítimas, se atentarmos que os rubro-negros vêm mostrando, domingo após domingo, uma acentuada melhoria de forma no «onze» e com ela subindo consideravelmente no quadro da classificação geral — foram de abalada até Lisboa mais de cinco centenas de entusiastas do clube algarvio, que desde o primeiro ao último minuto do encontro acompanharam a jovem representação futebolística olhanense, amparando-a com consecutivas ovações e incitamentos.

O difícil e acanhado campo Aliança, onde se realizou o prélio, não mostrou ter condições suficientes para oferecer acomodações decentes ao respeitável público, nem tão pouco um piso com dimensões para os jogadores trabalharem a contento, pois torna-se difícil praticar bom futebol, a bola constan-

temente anda fora do rectângulo e contém muita areia o que dificulta grandemente o domínio da bola.

E' pena, sim, não poder o Arroios contar com um campo próprio.

Os olhanenses saíram vitoriosos com toda a justiça! Sem realizarem exibição brilhante, jogaram o suficiente para merecerem os dois preciosos pontos. Digno de nota o segundo golo algarvio com um portentoso remate de Ângelo. Terminou o primeiro tempo com os grupos iguais.

No segundo tempo, os olhanenses jogaram durante todo o tempo com mais técnica e dominaram intensamente os seus briosos adversários, mas a vitória só surgiu no minuto final numa jogada de Cavas, Ângelo, Parra e Simões, que este aproveitou... Viram os seus esforços coroados de êxito com este golo...

Em resumo: resultado certo num jogo emotivo e presenciado por muito público que levou os jogadores olhanenses em triunfo após o apito final do árbitro.

Merece elogios pela modificação operada no «onze» o treinador do grupo visitante, Pineda. Em abono da verdade, diga-se que ele contribuiu para o êxito com tal modificação. Registamo-la porque a achamos curiosa e digna de registo, visto que o Olhanense estava nessa altura a ser derrotado por 2-0, e com algumas modificações de lugares venceu mercedamente... e se por acaso essa modificação não tivesse dado resultado, manteríamos a mesma opinião: — inteligente modificação.

O defesa central do Olhanense, Bento, estava a jogar menos do que é hábito e além disso estava a demorar muito no despacho do esférico, o que não era de aconselhar, porquanto o campo com pequenas dimensões, e uma vez desarmado por um adversário, criava logo perigo para Abade. A prova está nos dois golos obtidos pelos locais. Assim, o defesa Tavares começou a ocupar o lugar de Bento, ou seja de defesa central. O médio Reina recuou para defesa esquerdo em vez de Tavares, e Bento avançou para o lugar de Reina. Ficaram, portanto, na linha média Poeira e Bento e a linha defensiva formada com Ezequiel, Tavares e Reina. Desde então jamais a defesa visitante se deixou «perder» e começou com o acerto da defesa o verdadeiro jogo olhanense.

Nos olhanenses merecem destaque, pelo muito que contribuíram para a vitória, os valorosos e jovens médios, Poeira e Reina, e Cavas e Ângelo no ataque. Nos lisboetas o guarda-mão, e ainda Isac e Custódio merecem elogios.

O sr. José Trindade realizou trabalho satisfatório. Foi imparcial e correcto, não sendo bem auxiliado pelos juizes de linha...

Heroullano Valente

## TÊNIS DE MESA

Continua decorrendo com grande animação e desusada assistência o Torneio de Ténis de Mesa, organizado pelo Glória Futebol Clube, nas suas salas.

Os resultados das últimas jornadas foram os seguintes:

- Atlético, 5 — Flor de Lis, 3
- Glória, 5 — Náutico, 1
- Lusitano, 5 — Celeiro, 0
- Flor de Lis, 5 — Académica, 0
- Náutico, 5 — Atlético, 1
- Flor de Lis, 5 — Celeiro, 5
- Glória, 5 — Lusitano, 0
- Náutico, 5 — Académica, 2
- Glória, 5 — Atlético, 2
- Celeiro, 5 — Académica, 0
- Lusitano, 5 — Atlético, 2
- Glória, 5 — Flor de Lis, 0

O primeiro lugar da classificação parece não poder já fugir ao Glória, único clube que conta por vitórias todos os jogos realizados, e ao qual apenas falta defrontar a Académica. Ao segundo e terceiros lugares candidatam-se o Náutico, o Lusitano e a Flor de Lis, que nas próximas jornadas vão envidar os seus melhores esforços para se classificarem o mais honrosamente possível.

Seja económico

Poupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# MORADIAS VICENTINAS

CHEGAMOS a anunciar a entrega das primeiras casas do «Património dos Pobres» para o dia de Natal de 1955. Surgiram, porém, tantas dificuldades que impossível se tornou iniciá-las, sequer, naquela data. Hoje, podemos anunciar, jubilosamente, a todos os que de alguma maneira se interessam pela causa dos pobres na nossa terra que os principais obstáculos foram removidos e que, brevemente, serão iniciados os trabalhos de construção das quatro primeiras moradias do «Património dos Pobres».

Já lhe foi reconhecida a personalidade jurídica, já foi efectuada a escritura de compra do terreno e... já temos em nosso poder o projecto das casas, o qual está exposto na montra da casa Gravanta, na Rua Teófilo Braga.

Salvou-nos de situação embaraçosa, que nos havia sido criada, o sr. Manuel Tenório, autor do projecto. Atento ao fim altruístico da obra, nada cobrou do seu apreciado trabalho. Só nos cumpre exteriorizar publicamente o nosso agradecimento, pois sabemos dar o devido valor à sua oferta.

Apesar de continuarmos a receber generosas ofertas para o «Património dos Pobres», como abaixo publicaremos, estamos muito longe de contar com a indispensável quantia para a construção das quatro primeiras moradias do «Património dos Pobres» da nossa freguesia. Cada casa deve ficar, aproximadamente, por 20 contos. Portanto, serão necessários 80 contos.

Apraz-nos verificar que os apelos dirigidos pelo rev. Pároco aos católicos da nossa terra têm sido acolhidos. As mais salientes dádivas têm saído deles, dos quais muitos desejam ficar sob anonimato. Constitui tal facto um eloquente e prático testemunho de catolicismo vivo e sincero, cem por cento.

Ninguém, porém, deve alhear-se da causa do «Património dos Pobres» da nossa terra. Deve ser auxiliado por todos os que podem, se não for por puro cristianismo, que seja ao menos por natural espírito humanitário.

A maior parte ainda não se manifestou. A obra é de todos. O «Património dos Pobres» é da nossa freguesia. Não se terá em mira atender só às famílias pobres que frequentam a igreja. Terão primazia as famílias pobres mais necessitadas, mais numerosas e melhor comportadas.

A oferta constituirá, portanto, também um estímulo. Os benfeitores poderão enviar as suas dádivas ao «Património dos Pobres» — Igreja Paroquial de Vila Real de Santo António. Publicamos, a seguir, as últimas ofertas recebidas:

Saldo da última publicação	27.013\$50
Anónimo — donativo —	300\$00
D. Maria Cid — donativo —	100\$00
D. António do Carmo Rafael — quota anual —	50\$00
JOC e JOCF de Vila Real de Santo António — donativo —	500\$00
Anónimo — donativo —	500\$00
Anónimo — donativo —	50\$00
Conselheiro dr. Sousa Carvalho — donativo —	500\$00
António Figueira da Cruz — donativo —	20\$00
Produto de uma ginca em M. Gordo e V. Real (parte)	800\$00
D. Maria do Carmo Abecassis Corrêa — donativo —	1.000\$00
Anónimo — donativo —	1.000\$00
Anónimo (5.ª oferta, perfazendo 8.000\$00) — donativo —	2.500\$00
JOCF de Vila Real de Santo António — donativo —	1.000\$00
A transportar	35.333\$50

## NOVO ELO DE LIGAÇÃO COM O BRASIL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

des da minha vida e ajudou a fazer mais fortes ainda os laços que nos unem», afirmara à Imprensa do Rio que deveria estabelecer-se um serviço noticioso especial para o Brasil — «um serviço capaz de levar constantemente aos brasileiros e aos portugueses que labutam nas terras de Santa Cruz a imagem viva do que se passa nas terras do outro grande ramo da comunidade, que é Portugal». E acrescentou:

«Compreende-se a satisfação que esse passo traz, de um modo particular, a quem se orgulha de empenhar-se no desenvolvimento de uma política larga

luso-brasileira — de uma política de comunidade, que consubstancia os verdadeiros e fundos interesses da projecção mundial das duas grandes nações lusíadas.

Para ser viva uma política de comunidade, é indispensável que nos conheçamos e nos aproximemos cada vez mais: que tomemos melhor consciência do que somos, do que valemos e de quanto somos irmãos».

Trata-se de mais um elo da cadeia sentimental que une Portugal e Brasil e que mantém viva a presença da Pátria no coração dos portugueses que trabalham no país irmão.

## Venda de um Camião Pesado

### Camião FARGO-Série 20

Estado Impecável de Mecânica

Pouca quilometragem

Vende: JOÃO BERNARDINO PIRES

Telefs. n.º 4 e 14 • VILA NOVA DE CAELAS • Algarve

## Conserveiro

Precisa-se, especialmente competente em fabrico de atum, preferindo-se tenha já trabalhado nas Ilhas ou Ultramar. Resposta com todas as informações ao n.º 21 deste jornal.

## CONFECÇÕES

# Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Marcos Algarve

**MERCEDES**

é a última palavra da técnica  
Alemã em máquinas de escrever



Agente no Algarve:  
**APARTADO 70**

**FARO**  
Aceitam-se sub-agentes

## Uma crónica por semana

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

tece que os enfermos são vistos de fugida, «a despachar», e, evidentemente, sem a atenção que todo o ser humano, seja qual for a sua situação social, merece. Na maioria dos casos, o médico não tem tempo de se aperceber da doença do consultante e, deste modo, não é possível diagnosticar com confiança e medicar com eficiência. Noutros casos, não menos frequentes, o médico não dispõe, nestas instituições, dos aparelhos que a ciência moderna põe ao seu serviço para eficientemente poder diagnosticar, obtendo assim probabilidades de êxito nos tratamentos a indicar.

É provável que também tenhamos que exigir do médico respeito pela sua profissão e um pouco de sacrifício em relação aos seus interesses materiais, dos quais não vive exclusivamente: os seus sucessos serão sempre apontados e muitas vezes são aqueles que obtêm em gente humilde que os fazem grandes na sua carreira. Há ainda que apelar para o seu amor próprio e sentido de humanidade para com os seus irmãos, que somos todos nós, para que este se detenha um pouco mais na observação cuidada do doente, de molde a obter a sua cura ou a esforçar-se para obtê-la, quando possível. A medicina é um sacerdócio, e para os sacerdotes só os outros contam. Desta maneira de ver resultará que o médico se sacrifica no sentido de pensar apenas em espalhar e conservar a saúde à sua volta.

Temos ainda que ponderar um assunto de muita importância: não basta que o médico receite, diga: Você (ou tu, como quase sempre empregam, não sei por quê, em relação às pessoas pobres) tem de tomar isto ou aquilo, deixar de trabalhar, repousar, etc. É necessário saber se o doente poderá fazer exactamente o que o médico aconselha. Está certo que, na enormidade dos casos relativos a doentes pobres, o doente não pode. Quem sustenta a família? Quem compra os remédios? Por vezes, quem os administra? Quem paga a renda da casa? E não podemos pôr também de parte o problema relativo ao que antecede a doença, o que a motivou, em grande parte dos casos.

Portanto, o que nós pensamos em Portugal é que se olhe ao complexo problema de solucionar este mal. Creio firmemente que outro tanto possa acontecer noutros países do mundo. Há, porém, um rifão que diz: «Com o mal dos outros podemos nós bem». Olhem para nós, já que ninguém mais o fará, além de que será honroso para nós darmos o exemplo.

Quantas vezes a sereia da ambulância alarma quem passa nas ruas. O trânsito pára, o polícia, diligente, impõe a sua autoridade, todos se afastam. Mas para quê tanto aparato e tanta pressa? No hospital, o sinistrado espera. Por quê? Para quê? Toda a gente o sabe. Quando se ouve uma ambulância a correr a toda a velocidade pelas ruas, e quando esta, como acontece por vezes, causa outras vítimas no seu caminho, há sempre quem pergunte: Para que correm, quando tanto têm que esperar?

Há um atropelamento nas ruas? Vejamos o que acontece: Primeiro há discussão entre o motorista e quem assistiu, para determinar a culpa, que, aliás, nunca fica determinada; uns são por ele, outros contra. Depois, vem a polícia. Pede a carta, tira o número do carro, pergunta se há testemunhas — ninguém quer ser testemunha porque todos sabem o trabalho que dá e a perda de tempo que ocasiona. Depois, há ainda pequenas cousas a pormenorizar. O polícia escreve tudo lentamente, soletrando as sílabas. Finalmente, quando se dispõem a levar o desgraçado ao hospital, há ainda que escolher a qual, porque nem todos têm banco! E não é tudo: todos sabem como o caso se passa. Acrescente-se ainda que o sinistrado, que tanto tempo espe-

# Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

## ESTUDOS ALGARVIOS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

oportunidade que o actual desafio económico das Províncias Ultramarinas oferece à Nação para o pagamento da sua velha dívida de gratidão à memória do Infante D. Henrique, como primeiro grande impulsor da nossa expansão civilizadora;

2.º — De pugnar pela revalorização urbanística de Sagres, como recanto das mais emotivas tradições religiosas e patrióticas do País, com vista à sua legítima inclusão em todos os roteiros históricos do turismo internacional;

3.º — De sugerir quaisquer iniciativas complementares das do Monumento de Sagres, para simultânea glorificação nacional de quantos colaboraram no primeiro ciclo das nossas Navegações e Descobrimientos.

E tendo recebido o presidente da referida Comissão Cultural, sob proposta de um dos mais categorizados representantes da intelectualidade algarvia, (o escritor e jornalista Julião Quintinha), a missão de dar início às actividades do projectado movimento, grato lhe foi também poder encerrá-lo, em 26 de Julho de 1954, agora na qualidade de presidente da Direcção da Casa do Algarve, com a entrega ao Governo da seguinte Mensagem:

«Senhor Presidente do Conselho Excelência:

A «Casa do Algarve», em Lisboa, reunida em Conselho Pleno dos seus Corpos Gerentes e Consultivos, cõscia de interpretar o sentimento de todos os Algarvios, deliberou, por aclamação, vir até junto de Vossa Excelência patentear o seu mais vivo preito de homenagem e reconhecimento pela patriótica decisão que acaba de ser tomada pelo Governo de incluir nas Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, a realizar em 1960, a inauguração, no Promontório de Sagres — relicário augusto das nossas maiores glórias náuticas —, de um grandioso Monumento «que, além de constituir, como nas disposições oficiais se acentua, particular homenagem ao Infante, represente a consagração do primeiro ciclo dos Descobrimientos Portugueses e do movimento que abriu o mar à civilização do Ocidente.»

O nosso reconhecimento é tanto mais caloroso, Senhor Presidente do Conselho, quanto é certo jamais haver a «Casa do Algarve», numa persistente acção de verdadeira política do espírito, deixado de pugnar para que se reacendesse a ideia de tal Monumento, que sempre considerou — e com renovada fé hoje considera — uma das garantias mais expressivas da continuidade, bem necessária, do culto universal da Obra de Sagres.

Como Portugueses e Algarvios, orgulhosos, pois, de mais uma vez ter o Governo da Nação reconhecido a Sagres os direitos que pela História lhe cabem no livro de ouro das nossas tradições civilizadoras, não podíamos deixar de vir testemunhar, a Vossa Excelência e a todo o Governo, os nossos agradecimentos sinceros, com os protestos da mais alta consideração e respeito.

«Casa do Algarve», em Lisboa, 26 de Julho de 1954.

Os Corpos Gerentes e Consultivos»

Além de todos os componentes dos corpos referidos e do ilustre presidente da Academia das Ciências de Lisboa, sr. dr. Júlio Dantas, como sócio honorário da Casa do Algarve e presidente da Comissão do Monumento nomeada pelo Governo em 1953, assinaram esta Mensagem os Ex.ªs Deputados pela Província à Assembleia Nacional, srs. engenheiro Sebastião Ramires, comandante Henrique Tenreiro, coronel Sousa Rosal Júnior e dr. João Ameal, bem como todos os colaboradores do ciclo de conferên-

rou para ser transportado ao hospital, chega lá e espera ainda muito mais. É caso para dizer que, quando chega a acordar, já está morto.

Não há aqui exageros, todos nós o sabemos, todos nós o verificamos dia-a-dia. Reparem, leitores, que esta crónica está muito mal alinhavada, segue à deriva. Foi talvez de propósito, não quis pensar muito na forma e não burilei nada: ela é o relato fiel do que acontece. Há muito que dizer ainda, muitos casos concretos a apresentar, concordo. Certamente as colunas do «Notícias do Algarve» estão abertas para o debate.

José dos Santos Marques

cias e palestras promovidas pela Comissão Cultural da Colectividade, srs. major Mateus Moreno, dr. José Mimoso Barreto, rev. padre João Soares Cabeçadas, capelão da Armada, dr. Alberto Iria, dr. José António Madeira, comandante Jaime do Inso, cap. José Brandão Pereira de Mello, jornalista Armando de Aguiar, dr. Joaquim Lança, dr. Francisco Fernandes Lopes e J. F. Martins, historiador colonial.

Nos números 2 e 4/5 (3.ª série) do «Boletim Informativo da Casa do Algarve» foram, por sua vez, publicadas as seguintes locais sobre o mesmo tema: — uma expressiva e bem documentada carta do então presidente da Comissão Cultural da colectividade, sr. major Nascimento Moura, em resposta a um artigo de «O Primeiro de Janeiro», de 5 de Maio de 1953; um extracto do preâmbulo do decreto-lei n.º 25.405, de 27-XII-933, em que se classifica Sagres de «verdadeira oferta da natureza» para a construção do Monumento ao Infante D. Henrique; um artigo do secretário da Comissão Infante D. Henrique da Sociedade de Geografia de Lisboa, sr. João Afonso Corte-Real, saído no «Diário de Lisboa», com o título «O Monumento ao Infante D. Henrique deverá erguer-se até 1960», e uma interessante nótula histórica, de 1940, em que o eminente geógrafo, vice-almirante Gago Coutinho, membro da actual Comissão Nacional das Comemorações Centenárias do Infante, já então escrevia: «Mercê da intervenção do Infante, sucessivamente os portugueses foram devassando o alto mar: chegaram a Madeira em 1418, aos Açores em 1431, passaram além do Bojador em 1434 e descobriram a Guiné em 1444. Cortamos o Equador em 1470, entramos no grande rio Zaire em 1484, dobramos o cabo da Boa Esperança em 1488, tendo Vasco da Gama chegado à Índia em 1498 e Pedro Álvares Cabral ao Brasil em 1500. Já antes, em 1492, Colombo — que, com os portugueses, aprendeu a navegar — tinha atingido as Antilhas, e também Corte-Real chegara ao continente norte-americano muito antes de 1500. Finalmente, em 1521, Fernão de Magalhães, navegando para occidente, atingira as Filipinas, na Ásia.»

Tudo isto resultou do esforço do Infante, cuja intervenção permitira inventar a navegação de alto mar.

Esta actuação nacional, iniciada pelo Infante Dom Henrique, será vulgarizada no futuro monumento a erigir na ponta de Portugal, que é a Península de Sagres, constituindo um registo simbólico da intervenção portuguesa na abertura de todos os oceanos à Navegação e Expansão Europeias. Ali, um mapa esquemático de toda a Terra traduzirá a evolução do Descobrimiento dos caminhos marítimos para a Guiné, para a Índia, para a América e, enfim, pelo Oceano Pacífico, para a Ásia.»

\*\*\*  
Seria grave falta desta nota preambular esquecer-me de referir que, num simpático gesto de solidariedade patriótica, quase todas as Casas Regionais existentes em Lisboa deram o seu imediato aplauso ao movimento a favor da revalorização de Sagres, lançado em 1951 pela Casa do Algarve, oferecendo devotadamente as suas sedes para a realização das conferências que a mesma julgasse necessárias. Toda a Imprensa acolheu sempre, também, com o maior carinho e gerais incitamentos, o noticiário relativo a cada sessão de trabalhos.

Justo é, por isso, aqui lhes registar o reconhecimento do Algarve.

E quanto ao mais... recordaremos com Cícero: *Honos alit artes.*

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

## ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

## Em busca do Paraíso

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

e com tal naturalidade que se em terra paradisíaca se poderia verificar tal fenómeno.

Exceptuando aqueles que conseguiram libertar-se da rotina, ninguém procura desvendar o passado; ninguém presta atenção ao presente; e ninguém pensa no futuro: Sentem-se, e muito bem, no Paraíso! Assim se sentiam e agiam os primeiros habitantes da terra: tudo era natural, e a razão não interessava. O bem estar; a verdadeira maravilha.

Por vários motivos explicados por diversas formas, sentiram-se um dia os portugueses atraídos pelas terras do Catai: Jorge Alvarez, Rafael Perestrelo, Fernão Mendes Pinto, Bento de Góis... Depois, vieram aqueles que uma tempestade conduziu a Macau. E uma vez instalados no Paraíso, tão presos se sentiram dos encantos da terra, que jamais lhes veio à ideia o regresso. Já lá vão quatrocentos anos e o fenómeno verifica-se: Há quem tenha a convicção de que em parte alguma do mundo se poderia viver melhor! Isto só poderia dar-se numa terra que tivesse por início o Paraíso. O que por cá se passou nos primitivos tempos, ninguém sabe: mas o que não oferece dúvidas é de que os portugueses já mais de cá saíram.

De então para cá, o mundo virou-se revirou-se, alterou-se, modificou-se, esfacelou-se, recompôs-se. E Macau? Macau manteve-se, através dos tempos, gozando paz e sossego, com pequenas alterações, mostrando ao mundo que um presságio longínquo, inalterável, não permite se destrua o ambiente estabelecido para uma vida feliz.

Segundo se diz, foi o paraíso um lugar onde se disfrutavam todas as benesses que a vida nos pode oferecer. Haverá lugar na terra onde muitos tenham logrado maiores benefícios? Aqui tanto há como não há; tanto fez como não fez! E mal daquele que, por espírito controversista, se quer opôr, saindo fora da ideia convergente. Passará a viver à margem do Paraíso, onde só são admitidos os que concordam plenamente, sem contumácia.

## As actividades da Câmara Municipal de Portimão

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

registar com louvor. No relatório, dá-se ainda pormenorizada conta dos Serviços Municipalizados, verificando-se que estes ganham volume de movimentação correspondente ao progresso da cidade.

Poderão os munícipes da activa terra barlaventina queixar-se de algumas originalidades da sua Câmara, mas do que não podem, com razão, lamentar-se é da exemplaridade e pormenorização das suas boas contas. Isto, comparado com certas Câmaras que nem sequer tornam públicas as suas deliberações, é facto para louvar. E louvamos o activo presidente da Câmara de Portimão, sr. Salvador Gomes Vilarinho.

Como nesses tempos retrógrados, em que não havia quem mandasse, ainda há quem se julgue no direito de agir a seu bel-prazer: Mas, como tudo se modificou, hoje há, felizmente, quem mande e quem se oponha à mentalidade retrógrada dos tempos pré-históricos.

Como o pecado original tivesse provocado desavenças entre os habitantes do paraíso, atávicamente essas desavenças se reflectem nos povos actuais. E Macau, de onde parece terem irradiado esses desentendimentos, não teria sido o paraíso, se não sofresse dos mesmos males. Mas o clima, com o rodar dos tempos, alterou-se por completo. Em épocas remotas, a mentalidade seria homogénia; hoje, porém, é absolutamente paradoxal.

Sob o manto diáfano da simpatia, a nudez escondida e fraca da hipocrisia! Fruta do tempo? Reflexos da primeira maçã? Que se pode esperar de um tempo inconstante e traçoero; deste tempo que saiu fora de todos os tempos, não obedecendo à regência?

Poucos são aqueles que encaram a vida a peito descoberto, de cabeça levantada. Neste particular, houve uma mudança radical na vida do Paraíso. Noutros tempos, os homens encaravam-se e lutavam corpo a corpo. Hoje, atraçoam-se, suplantam-se, mas, quase sempre, encobertos no reverso da medalha.

Se ainda hoje se verifica, por variadíssimas benesses auferidas, que Macau tem origem paradisíaca, parecemos ser esta a melhor ocasião de impôr ao mundo a velha cidade do Santo Nome de Deus — Não há outra mais leal.

Se a missão científica, for informada de que deve começar por aqui as suas investigações, estamos certos de que não irão mais longe; e em vez de doze paraísos, apenas um será localizado, a bem de Macau e da história do mundo, sempre escrita «ad libitum», de acordo com a mentalidade preponderante da época e, em geral, segundo a conveniência de quem a escreve.

Macau, Dezembro de 1955.  
J. de Carvalho e Régio

## A SEMANA DO HOSPITAL

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

Encontravam-se presentes as comissões de distintas senhoras da nossa vila, as comissões das freguesias de Caceia e os dignos Mesários da Misericórdia local, sr.ª D. Maria Teresa Ortigão Gomes Sanches, como provedora, e os srs. João Gomes Barroso Sanches e Mário Antunes Lança, secretário e tesoureiro, respectivamente. Representando o corpo clínico do Hospital, assistiram também os srs. dr. Reinaldo Prazeres e dr. Francisco Dias Cavaco, vindo-se também os srs. dr. António V. Horta Correia, dr. José Vasco Nunes, José Graciliano Vieira Carmo e outras numerosas personalidades do nosso concelho.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Narciso Fernandes, em representação da M. P., promotora da «Semana», tendo respondido a sr.ª provedora, D. Maria Teresa Sanches, para agradecer a todos a generosidade manifestada com os donativos ao Hospital, e louvar as dedicadas comissões, pelo esforço que tinham evidenciado para que esta iniciativa de bem-fazer tivesse o êxito que se verificou. Terminou fazendo votos por que, no próximo ano, algo de mais importante possa fazer-se em prol do nosso Hospital.

## À JANELA DA SAUDADE

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

me deixaram, por os não ter escutado! Que pena tive por os não ter auscultado! Que pena tenho de ter sido forçado a manter-me distante dessa vila, nesse período em que as noites eram aquecidas com as vozes de Paz e de Amor, com as esperanças de Conforto e de Alegria, que dezenas de infantes erguiam no meio das suas necessidades materiais, nos torvelinhos do seu desconforto! Que tais cantares sejam erguidos, em futuros anos! Mas que tais cantares representem uma manifestação de prazer, e não uma manifestação de necessidade, são os nossos sinceros desejos.

## REPORTAGEM

QUATRO olhos espantados, em muda interrogação, para dois outros olhos maiores e desesperados!

— Mãe! Porque é que a gente não ficou em Castro Marim?! — e a mais velhinha das crianças puxava pela saia da irritada mulher, chamando-lhe a atenção. — Eu queria ficar lá em casa da avó!

— Má rás os parta a todos! — gritava a mulher. — Não querem lá ver isto? Eu que tinha tanto que fazer? E agora? A que horas vou eu a fazer a amassadura?

As crianças choravam, mantendo em nível alto o desespero materno.

— Eu quero ir prá dá avó! — gemeu a outra mais pequenina.

— Ou te calas, já, ou f'arrebento os ossos. Tu não vês quem teve a culpa disto tudo? Mas les juro que não pago nem um tostão mais! E me têm que pôr mesmo em casa! Tive eu agora alguma culpa que nem dessem tempo a desembarcar? Tive?

O revisor passava, nesse instante, para o outro extremo da automotora.

— Andam aí esses fulanos sem dó nenhum prá gente! Como somos a escumalha! Se fosse alguma menina rica, aparavam logo, logo, isto! Assim... Má rás os partam...

O revisor cochichou com o guarda-freio, por uns momentos. O aborrecimento emurcheceu a flor das suas expressões. E encolher de ombros deu por finda a preocupação. O acidente passou...

Na estação de Monte Gordo, as três vidas, ligadas entre si pelo asfixiante laço do mau viver, acoltaram-se junto à parede, protegendo-se do furioso e gelado vento do sul — já que os seus trapos pouca protecção lhes davam.

Como se poderá esquecer as súplicas silenciosas de três pares de chorosos olhos, que ficaram encostados à sua infelicidade, quando a automotora prosseguiu na viagem interrompida?

— Daqui a pouco menos de uma hora, passa a automotora pra lá — gritou o revisor para o grupo abandonado, que se apequenava ainda mais, aconchegando os seus membros entre si...

O ventoso frio não deixou que o fogo do desespero acendesse palavras de rancor... Os olhos, tristes e chorosos, volveram-se para a preocupação mais urgente, que era o melhor aconchego para a defesa do frio e do vento... E três vidas ficaram formando uma extraordinária bola que a distância foi acinzentando...

## HOMENAGEM

É HOJE que terá lugar a falada homenagem à professora primária, sr.ª D. Maria dos Anjos Neves. Desejamos, sinceramente, que ela sirva o principal objectivo para que é levada a efeito:

— Provar que não é em vão que se leva uma vida inteira consagrada à difícil e ingrata tarefa de ensinar!

Farei por estar presente nesse momento em que tão justa manifestação tiver lugar!

## PETIÇÃO

Parar um momento, para descansar, é sempre um motivo de novo começo...

Ante o sofrimento um homem emotivo não pode parar — por isso te peço pra recomoçar!

A. Vicente Campinas

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.